

Lição de jornalismo no front da onça parda

Categories : [Marcos Sá Corrêa](#)

Primeiro, a má notícia: dias atrás, morreu um filhote de onça parda em Painel, no planalto de Santa Catarina. O bicho teve uma vida breve, mas um vasto currículo. Em julho do ano passado, aos três meses de idade, escapou por pouco dos cachorros que o acuaram no terreiro de uma chácara, à beira da estrada para a cidade de Lages.

Derrubado aos solavancos de um galho de guabiroba e laçado no chão, livrou-se dos dentes da matilha para entrar numa jaula de passarinho. Entregue pela polícia ambiental à base de pesquisa avançada do Ibama, acabou não resistindo um ano e meio depois a uma cirurgia na pata traseira, feita no Centro de Ciências Agroveterinárias da universidade estadual. Morto, foi posto na geladeira, à espera da decisão final sobre o passo seguinte – a incineração ou o empalhamento, se for escolhido para prestar serviços póstumos à memória da fauna nativa, representando-a junto aos brasileiros que não tiverem mais chances de encontrar uma suçuarana ao vivo.

Dito isso, aí vai a boa notícia: quase todos os detalhes que constam nos parágrafos acima vêm do livro “Leão Baio”, feito por um estudante de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – de onde, é bom lembrar, saiu no ano passado o livro “A Peleja do Eucalipto”, do aluno João Werner Grando, também comentado [aqui no site](#). Alguma coisa muito especial deve estar acontecendo numa escola de jornalismo onde os estudantes produzem dois bons livros em menos de um ano.

Grande reportagem

O autor de “Leão Baio” se chama Leo Branco. Pelo nome que tem – Leo – presume-se que traga do berço o pendor para tratar do assunto. Mas, não. Escolheu-o à última hora, quando precisava definir, em outubro de 2007, um projeto viável para seu trabalho de conclusão do curso. Seu ponto de partida era fazer uma reportagem. E ele queria que a reportagem fosse “grande”.

Conseguiu. Escreveu 119 páginas. Ou melhor, 130 mil caracteres, sob a orientação de Daisi Vogel, sua professora de Redação VII, que lhe sugeriu o assunto. Para pesquisá-lo, entrevistou 46 pessoas, inclusive especialistas do calibre de Peter Crawshaw, a maior autoridade do país em onças. Na bibliografia, citou 20 títulos de livros e monografias. Na ilustração, encaixou 13 fotos coloridas. Ou seja, o que ele fez é um livro de pleno direito.

Para encarar de perto os conflitos entre as onças pardas e os fazendeiros nas bordas das últimas florestas de Santa Catarina, o estado que mais tem e mais derruba mata atlântica, Leo Branco transferiu-se durante um mês de Florianópolis para Urubici. E, viajando pela serra catarinense de ônibus, de carona com o pai ou dirigindo o Ford Fiesta emprestado pela mãe, juntou os capítulos dessa tragédia ambiental com um cuidado que mesmo os jornalistas profissionais raramente têm.

Seu relato junta histórias bem narradas, informações relevantes e texto fluente, [onde tudo tem começo, meio e fim, além de conexão](#).

A morte em cativeiro do filhote recolhido ao Ibama de Painel serviu-lhe de pretexto para me enviar agora o livro. E com isso ele mostrou, de quebra, um certo senso de oportunidade jornalística. O bicho morreu depois que o trabalho estava pronto. Mas sua vida está toda lá, assim como a da suçuarana que apareceu há quatro anos num quintal em Curitibanos, uma cidade de 37 mil habitantes, e da onça que quase virou atração turística num pesque-pague de Urubici.

A última onça pintada de Santa Catarina morreu de tiro em 29 de janeiro de 1972, derrubada por um capataz de fazenda e empalhada por um padre taxidermista, que a eternizou como material didático num colégio de Florianópolis. Menos exigentes em termos de dieta e mais adaptáveis a ambientes antropizados, as suçuanas – chamadas regionalmente de leão baio, embora sejam parentes mais próximas do gato doméstico – resistem valentemente ao cerco da civilização.

Prosperam ultimamente até em florestas comerciais de *pinus*. Espremidas, bateram de frente com um Brasil que vai rapidamente ficando pequeno demais para elas. Ainda bem que Leo Branco viu-as a tempo.